Realização:

MUSEU HISTÓRICO de Pinhalzinho

DEPARTAMENTO DE CULTURA DE PINHALZINHO - SC

Prefeitura de PINHALZINHO Aqui é bom viver!

IPHAN

Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:

CEOM CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA

UNOCHAPECÓ UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

No quintal
da Casa de Madeira:
Saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste de Santa Catarina

Cartilha de apoio didático

Carmen Tereza Salvini
Denise Argenta
Diana Cristina dos Santos
Fernanda Ben
Leila Salvini
Márcio Luiz Rodrigues

essa pesquisa é dedicada
aos Benzedores, Benzedeiras,
Curandores e Curandeiras
do Oeste Catarinense!

Realização:

Prefeitura de PINHALZINHO
Aqui é bom viver!

Prefeito: Fabiano da Luz
Diretora de Planejamento: Seluí Lúcia Orlandi Dall Agnol

Museu Histórico de Pinhalzinho

Coordenadora do Museu Histórico de Pinhalzinho – Fernanda Ben

Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA
IPHAN

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Presidente – Luiz Fernando de Almeida
Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI – Célia Maria Corsino

APOIO

CEOM | UNOCHAPECÓ
Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM
Associação Mais Cultura de Pinhalzinho

CULTURA

Secretaria de Educação e Cultura – Santina Nalin Ely
Diretora de Cultura: Loreni Pires dos Santos Eichwald
Secretaria de Assistência Social de Pinhalzinho
Secretaria de Saúde de Pinhalzinho
Secretaria de Educação e Cultura de Campo Erê
Secretaria de Saúde de Campo Erê
Secretaria de Assistência Social de Campo Erê

EQUIPE TÉCNICA
Coordenação: Leila Salvini, Denise Argenta e Fernanda Ben
Pesquisa: Diana Cristina dos Santos, Denise Argenta, Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini.
Organização do Texto: Denise Argenta, Carmen Tereza Salvini e Fernanda Ben.
Redação: Leila Salvini, Diana Cristina dos Santos, Denise Argenta, Carmen Tereza Salvini, Márcio Luiz Rodrigues e Fernanda Ben
Colaboração: Regina Helena Meirelles Santiago
Ilustrações: Marcus Bettu
Fotografia: Simone Barbieri Nalin, Denise Argenta e Carmen Tereza Salvini
Capa e diagramação: Alan Dal Pizzol
Projeto Gráfico: Denise Argenta e Alan Dal Pizzol
Impressão: Gráfica Schaefer

Sumário

Apresentação.....03

Sobre o projeto.....04

Patrimônio cultural imaterial e a importância de sua preservação.....06

Parte I – História dos Benzimentos no Oeste Catarinense

1 - Do contestado ao velho Xapecó.....07

2- Os caminhos de São João Maria.....09

3 - Devoção popular contemporânea - No rumo de águas santas.....11

4-A memória das práticas de cura e dos cuidados com a saúde no Velho Xapecó.....12

5-O cultivo das ervas.....16

6-A arte de benzer.....18

7-A origem dos rituais de cura na história.....22

Parte II – Uma tradição que resiste ao tempo

8-Os benzimentos e as práticas de cura tradicionais no tempo de hoje.....24

Aos Participantes do projeto.....25

Referências.....28

Apresentação

Prezado leitor,

Esta cartilha é um dos resultados do projeto de pesquisa e salvaguarda de patrimônio imaterial chamado *No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste de Santa Catarina.*

A proposta foi apresentada pelo Museu Histórico de Pinhalzinho ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2012. O projeto foi aprovado e, ao longo do ano de 2013, uma equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Pinhalzinho, com colaboração do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó), realizaram a pesquisa que resultou no mapeamento e registro do modo de vida de benzedores e benzedeiras residentes nos municípios de Pinhalzinho, Chapecó e Campo Erê – todos localizados na região Oeste Catarinense.

O objetivo deste material é apresentar a você, estudante e professor, um pouco mais sobre a riqueza do patrimônio imaterial relacionado aos costumes e às práticas tradicionais de cura na região oeste catarinense. Nas próximas páginas você poderá conhecer um pouco mais sobre:

- O Patrimônio Cultural Imaterial e a importância de sua preservação;

- A memória das práticas de cura e do modo de vida nos tempos do Velho Xapecó;

- A história dos benzedores e benzedeiras do Oeste Catarinense;

- Os benzimentos e as práticas de cura tradicionais nos dias de hoje.

Desejamos que essa cartilha possa ser um material de apoio às atividades do professor, sobre o patrimônio cultural imaterial e a cultura popular da região Oeste Catarinense, e uma fonte de conhecimento, de estímulo à pesquisa e a investigação para todos, estudantes e professores.

Boa Leitura!

Equipe do Museu Histórico de Pinhalzinho

Sobre o Projeto

"No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste de Santa Catarina" objetivou realizar o mapeamento, o registro e a salvaguarda do modo de vida de benzedores e benzedeiras residentes na região Oeste Catarinense.

Ao longo dessa publicação, assim como no projeto apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), você vai encontrar a expressão "detentores dos saberes", referindo-se a benzedores e benzedeiras. Dizer que alguém é um "detentor de saber" significa reconhecer o seu conhecimento, as práticas e a sabedoria que vem com o tempo. Em cada idoso encontramos um detentor de imenso saber acumulado. Nesta pesquisa, escolhemos falar sobre a sabedoria de benzedores e benzedeiras da região Oeste Catarinense, pelo seu importante papel na formação histórica dessa área.

Como surgiu a ideia desse projeto?

No Oeste Catarinense, há uma grande riqueza de conhecimentos e práticas tradicionais que são transmitidas oralmente, de geração a geração. A maioria desses saberes ancestrais, reside na memória das pessoas e, poucas vezes, são registrados ou salvaguardados.

Sem registro e visibilidade, boa parte desses conhecimentos corre o risco de desaparecer, já que sua continuidade depende da transmissão dos saberes dos mais velhos aos jovens. Por isso mesmo, uma das características mais importantes do Patrimônio Imaterial depende diretamente do valor e do reconhecimento que lhe atribuímos: um saber oral só é perpetuado quando dedicamos tempo para ouvir o que os mestres dos saberes tem a nos ensinar.

No caso dos saberes ancestrais dos benzedores e benzedeiras do Oeste Catarinense, mapear, inventariar e registrar os saberes desse grupo tem a função de dar visibilidade ao vasto e rico patrimônio imaterial existente nessas práticas cotidianas. Quer dizer, ao realizar essa pesquisa, reconhecemos a importância dos muitos homens e mulheres que, ao longo de gerações tem contribuído para a preservação da saúde das comunidades do oeste catarinense.

Com essa finalidade o Museu Histórico de Pinhalzinho, por meio da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, apresentou ao edital n. 001/2012 do Programa Nacional de Patrimônio imaterial (PNPI/IPHAN) o projeto "No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste de Santa Catarina". A proposta foi premiada e possibilitou registrar e documentar as práticas, vivências e experiência dos benzedores e benzedeiras localizados em três municípios do Oeste de Santa Catarina (Pinhalzinho, Chapecó e Campo Erê). Essa cartilha é um dos resultados do projeto realizado.

Como foi desenvolvida a pesquisa?

A execução do projeto começou com o mapeamento dos benzedores e benzedeiras com mais idade e tempo de atuação nos municípios de Pinhalzinho, Chapecó e Campo Erê.

Uma equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Pinhalzinho visitou cada um dos 23 benzedores e benzedeiras mapeadas e fotografou os lugares, as casas, o quintal e os locais onde os benzedores praticam seu ofício. Também foram realizadas entrevistas filmadas em cada local visitado, perguntando sobre o início da prática do benzimento, como foi adquirido esse saber, sobre as orações, manipulação de ervas, saúde, qualidade de vida e, também, sobre o papel do benzedor ou benzedeira na comunidade.

A intenção da pesquisa foi reunir um banco de dados sobre os saberes e expressões das práticas tradicionais de cura, manipulação de ervas e formas de benzimentos, a fim de disponibilizá-lo a pesquisadores, estudantes e a comunidade local e nacional.

Em resumo, a pesquisa objetivou mostrar o quão rica é a cultura popular e tradicional da região Oeste Catarinense, e quanta sabedoria se esconde em lugares bem próximos de nós.

Quais são os resultados dessa iniciativa?

A partir da apreciação do material de pesquisa coletado, foram produzidos:

a) Esta cartilha educativa, contendo material de apoio ao professor, destinada a estimular a ação educativa a partir dos referenciais de história, memória e identidades regionais;

b) Um documentário audiovisual, com duração de 40 minutos, que acompanha esse material de apoio;

c) Uma exposição itinerante que visibiliza práticas e saberes coletados durante a etapa de pesquisa;

d) Oficinas socializando práticas de Saúde e Qualidade de Vida destinada a mães e gestantes, com o objetivo de compartilhar os saberes e práticas de cura, relacionados à manipulação de ervas e cuidados tradicionais;

e) Oficinas de Formação de Multiplicadores, destinadas a professores de todos os níveis de ensino, a fim de difundir os conhecimentos produzidos durante a pesquisa, ampliando o número de pessoas que reconhecem, valorizam e preservam o Patrimônio Imaterial do Oeste Catarinense;

f) Oficinas de Ação Educativa para estudantes de todos os níveis de ensino, centradas nas temáticas de valorização do patrimônio cultural Imaterial, com ênfase na história e memória dos benzimentos e práticas de cura do Oeste Catarinense.

Além da participação nos registros documentais, os benzedores e benzedeiras identificados como detentores dos saberes, atuaram como colaboradores nas oficinas de formação de multiplicadores, de ação educativa e de Saúde e Qualidade de vida, contando suas experiências de vida e compartilhando seus conhecimentos.

O Patrimônio Cultural Imaterial e a importância de sua preservação

Regina Helena Meirelles Santiago
Historiadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MINC). Superintendência de Santa Catarina.

O patrimônio cultural é o conjunto de criações humanas que identificam uma sociedade e que são transmitidas através das gerações, como uma herança. É composto por uma diversidade de bens e manifestações que se referem à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores de uma sociedade.

Quando foram iniciadas as primeiras políticas para proteção do patrimônio no Brasil, na década de 1930, sua definição concentrava-se no patrimônio cultural de natureza material, constituído por bens como vestígios arqueológicos, obras de arte, paisagens, coleções de museus, documentos, livros, monumentos e construções urbanas. Com a finalidade de conhecer, proteger e promover o patrimônio cultural nacional, em 1937 foi criado o Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A partir de muita discussão, e ao longo de anos, foi se consolidando uma noção mais ampla, de que o patrimônio cultural também é integrado por bens intangíveis, ou imateriais, como as práticas, as celebrações, os saberes e as formas de expressão.

Estes bens culturais de natureza imaterial (festas, músicas, danças, ofícios, brincadeiras e outros conhecimentos tradicionais) são expressão da identidade cultural e social das comunidades que os praticam e transmitem. Eles só continuam existindo se houver pessoas e grupos que se identifiquem com eles, os conheçam, pratiquem e ensinem.

As medidas para garantir a existência e continuidade dos bens culturais imateriais são chamadas ações de salvaguarda: salvaguardar é, essencialmente, buscar impedir que a enorme variedade do patrimônio imaterial desapareça. Isto deve ser feito em diversas frentes, através de ações de identificação, reconhecimento, valorização e também de apoio às condições sociais e materiais para que estes bens culturais sejam constantemente produzidos, reproduzidos e transmitidos.

A importância do conceito de salvaguarda está no entendimento de que o patrimônio cultural imaterial é processual e dinâmico, ou seja, sua continuidade não deve ser associada à ideia de que os bens devem ser mantidos preservados, ou inalterados. Ao contrário, por se basear na prática e na transmissão cotidianas, os bens culturais de natureza imaterial se transformam ao longo dos anos, como as próprias pessoas.

A aplicação de políticas de salvaguarda deve, então, estimular a participação ativa dos "grupos detentores", que são as pessoas que produzem, mantêm e transmitem as variadas expressões culturais. A valorização e visibilização destas expressões contribuem para que estes grupos sociais mantenham os vínculos do presente com o seu passado e para a proteção da diversidade cultural no país.

Parte I – História e Memória dos Benzimentos no Oeste Catarinense

1- Do Contestado ao Velho Xapecó

Muito tempo antes da criação do município de Chapecó, em 1917, o sertão catarinense já era morada de muitas pessoas. Além dos povos Kaingang e Guarani, que habitam a área há vários séculos, caboclos passaram a ocupar esse espaço pelo menos desde o século XVIII.

Para explicar a origem dos caboclos na região, recorremos ao professor Alceu Werlang que pesquisou o processo de colonização dessa área. Ele lembra que os impérios português e espanhol disputavam a posse das terras do continente latino americano. Para garantir o território, uma das estratégias usadas por Portugal se baseou no princípio jurídico conhecido como *uti-possidetis*. Assim, muitos portugueses foram estimulados a ocupar as áreas para além dos limites dos tratados, a fim de garantir a ampliação do território de domínio português no Brasil Colônia.

Pesquise mais!

Diversos outros tratados foram firmados entre Portugal e Espanha, disputando território na América Latina, inclusive a porção onde hoje é o Oeste Catarinense. Alguns deles são:

- Tratado de Ultrecht (1713)
- Tratado de Madri (1750)
- Tratado de Santo Idelfonso (1777).

Pesquise sobre esses tratados e descubra o que cada um define.

Você sabia?

Uti-possidetis: termo de origem latina que significa, em tradução literal: quem ocupa, é dono. Esse tipo de ocupação foi uma estratégia largamente utilizada, tanto por espanhóis quanto por portugueses, para ampliar a extensão dos seus territórios originais. Pelo Tratado de Tordesilhas, datado de 1494, seriam de domínio português e, por extensão, território do Brasil, apenas a porção litorânea do Estado de Santa Catarina. Mas, ao longo do tempo, muitos tratados se sucederam nessa região que é contestada há, pelo menos, cinco séculos.

Planisfério de Cantino, 1502. Mapa mundi do século XV, com a demarcação da Linha do Tratado de Tordesilhas. Fonte: banco de imagens wikimedia comons/domínio público.

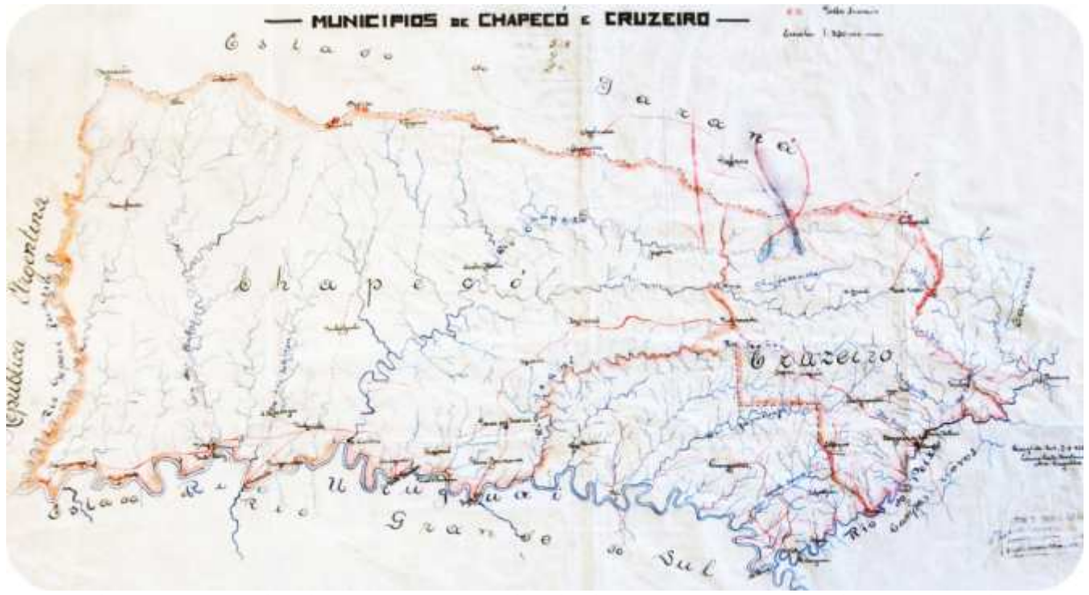
Assim, podemos afirmar que a região conhecida como "Contestado" deve seu nome às muitas disputas pelo território , primeiro entre Portugal e Espanha, depois entre Brasil e Argentina, mais tarde, entre Paraná e Santa Catarina no conflito que ficou conhecido historicamente como "Guerra do Contestado" por ocorrer na região contestada.

Saiba mais!

A palavra **sertão**, na etimologia portuguesa significa "o interior, o coração das terras [...] em oposição ao litoral."(SILVA, 1813).

Falar do oeste catarinense nos remete ao **sertão** entendido aqui como a região mais distante da capital, fronteiriça e com características peculiares (AMADO, 1995). Mas o oeste do Estado de Santa Catarina, é conhecido também pelo termo histórico "Velho Xapecó". Ou seja, a grande extensão territorial que compunha o município criado pela Lei Estadual nº 1.147, de 25 de agosto de 1917.

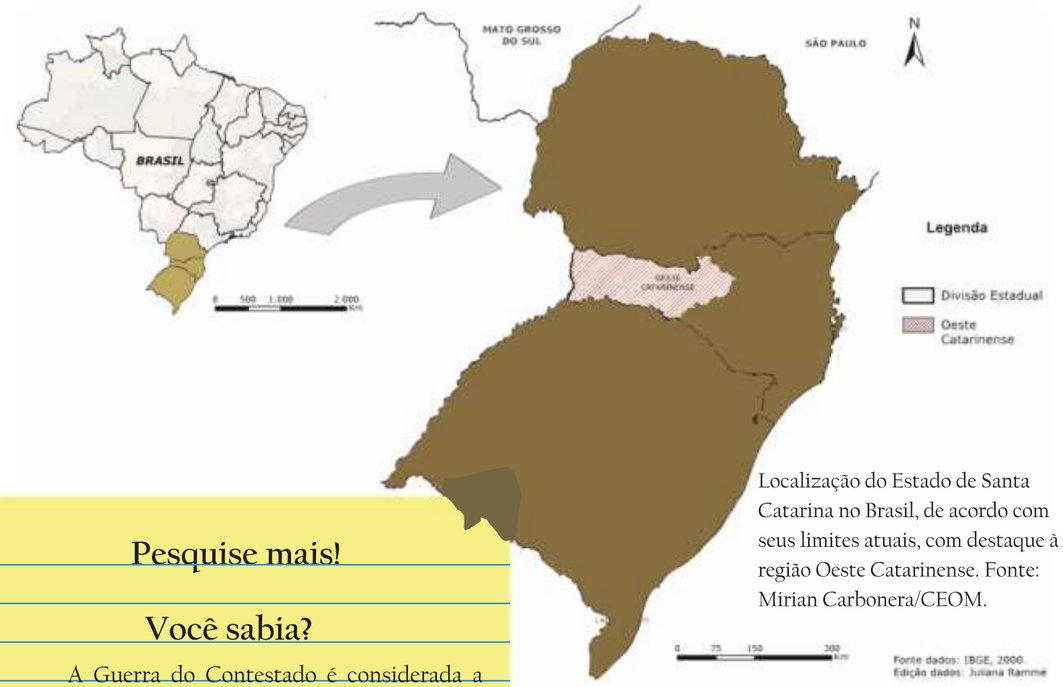
O Velho Xapecó possuía uma extensão de mais de 14 mil quilômetros quadrados. Seus limites iam do Rio Irani, na divisa com o antigo município de Cruzeiro (atual Joaçaba), até o Rio Peperi Guaçú, na fronteira com a Argentina.



Mapa dos municípios de Chapecó e Cruzeiro datado de 1936. Fonte: Acervo do Ceom/Unochapecó.

Xapecó ou Chapecó?

Até a década de 1950, o nome do município era escrito dos dois modos. O Juiz Antonio Selistre de Campos afirma que o nome é derivado do Rio Chapecó, e que há diversas controvérsias sobre a origem e, principalmente sobre o significado do vocábulo. O certo é que "Xapecó" tem origem indígena e que "a Constituição do Estado de Santa Catarina, de 23 de julho de 1947, adotou 'ch' para início da palavra 'Chapecó" (CEOM, 2004).



Localização do Estado de Santa Catarina no Brasil, de acordo com seus limites atuais, com destaque à região Oeste Catarinense. Fonte: Mirian Carbonera/CEOM.

Pesquise mais!

Você sabia?

A Guerra do Contestado é considerada a maior Guerra Civil da História do Brasil. Chamamos *guerra civil* aos conflitos em que, pelo menos uma parte dos combatentes, não é militar, ou seja, são pessoas sem treino para as batalhas. Na Guerra do Contestado, os caboclos enfrentavam o exército armados de paus e pedras e famílias inteiras, incluindo as crianças, foram mortos. Que tal pesquisar sobre a Guerra, e aprender um pouco mais sobre a história de Santa Catarina?

Até o começo do século XX, a vasta região compreendida entre os campos de Palmas e o Rio Uruguai era considerada pelo governo catarinense como *terras vazias ou terras devolutas* – o que significava que, do ponto de vista estatal, era uma região quase despovoada (REGISTRANDO, 2012).

2- Os Caminhos de São João Maria

Viver no território que hoje conhecemos como Oeste Catarinense, antes do processo de colonização oficial empreendido pelo governo catarinense, era muito diferente do que é nos dias de hoje. As distâncias eram grandes, a comunicação difícil e a floresta representava ora perigo, ora abrigo e meio de subsistência para os moradores da região.

As comunidades eram carentes de assistência em suas formas mais elementares: são frequentes os relatos sobre a ausência de médicos, de apoio estatal, de escolas e dos serviços básicos na região, como também, a inexistência de clérigos. Nesse meio, os monges são figuras recorrentes, pela força de sua retórica e pela experiência de vida que difundiam.

Durante a Guerra do Contestado é possível perceber de modo mais intenso o papel fundamental dos monges como líderes das comunidades caboclas. Mais que **líderes messiânicos**, os monges são fundamentais à manutenção da saúde mental e espiritual do povo, atuando como benzedores, curandeiros e conselheiros das comunidades.

Líderes Messiânicos:
os monges são chamados dessa forma porque suas pregações profetizavam a vinda de um novo messias. Ou seja, reafirmavam a crença da religiosidade cristã, de que o Cristo voltaria novamente à terra

Monge João Maria | Óleo sobre tela
Obra de Agnelo Antunes para o devoto Edelson Hortênsio Alves Julio
O original está exposto no Restaurante Confraria do Monge, na BR 116, município de Correia Pinto-SC

João Maria, um dos monges mais populares, fazia rezas, pregações, batizava, casava, aconselhava as pessoas e promovia a cura por meio de orações e da aspersão com água. Segundo a crença popular, os locais em que o Monge acampava ficavam marcados pelo surgimento de "olhos d'água" – pequenas fontes – que nunca secariam. Esses locais são conhecidos como "pousinhos", "aguinhas de São João Maria" ou "Olhinhos d'água". Acreditava-se que as águas provenientes de tais locais possuíam propriedades curativas e seriam "bentas", ou seja, abençoadas pela passagem do Monge. Ainda hoje, no Oeste Catarinense, muitas pessoas recorrem às "Águas de São João Maria", cujas fontes são encontradas em muitas localidades.

O monge João Maria é considerado santo em muitas localidades do interior catarinense. Especialmente entre a população cabocla, é frequente encontrarmos devotos e narrativas de milagres atribuídos a *São João Maria*, embora sua santidade não seja reconhecida pelo catolicismo oficial. Pesquisadores afirmam que o Monge circulava em uma grande área, que vai da América Central ao Sul da América do Sul. No Brasil, os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul concentram maior número de narrativas e registros de passagem do monge.

3- Devoção popular contemporânea – no rumo das Águas Santas

Ainda hoje a fé e a crença no monge são vivenciadas e estão muito presentes na cultura popular da região oeste catarinense. São frequentes as narrativas de milagres e curas lembradas pelos fiéis e atribuídas às "águas santas de São João Maria".

Ele era considerado pelos caboclos um profeta que andava pelo mundo. Os pesquisadores do Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM) recolheram, em 2004, um relato que testemunha as práticas do Monge: "Fazia seu foguinho. A couve sempre estava em seu cardápio. Rezava. Batizava crianças (...), benzia, prescrevia remédios, dava conselhos, fazia profecias predizendo as desgraças dos tempos futuros que eram contadas e transmitidas de geração a geração" (CEOM, 2008, p. 52).

"Acende uma vela pra São João Maria e pede a graça pra ele. Você não sabe de onde vem, ele multiplica tudo e a graça aparece. Eu tenho muita fé em São João Maria" (Terezinha Oraide dos Santos).

"[...] alcancei graças lá em São João Maria. Tinha minha filha, ela tinha ferida na cabeça. Daí eu fiz um pedido pra São João Maria, levei ela lá, lavei a cabeça dela com aquela água e usei aquela água pra banho e tudo. Ela tinha três aninhos e graças a Deus sarou [...]" (Irma de Lurdes N. Sassi).

Em muitas localidades da região, as residências abrigam reproduções ou pinturas que representam o Monge. Pintores, escultores e desenhistas fazem da figura de São João Maria tema de sua arte. Alguns devotos, mais abastados até mesmo encomendam a pintores reproduções da figura do Monge João Maria, que se popularizou na região.

"Eu aviso e torno a avisar. Quem crê nas minhas santas palavras, no mundo se salvará" (palavras da oração de São João Maria recitadas por Terezinha Oraide dos Santos).

Em muitos lugares, as Águas Santas – pequenas fontes de água doce que, de acordo com a crença popular, teriam surgido após o monge acampar no local - tornaram-se dest de visita e peregrinação. A comunidade acre que a água dessas fontes conserva propried terapêuticas e seria "abençoada pelo Mong que contribuiria para a cura de enfermidades

Por isso, as fontes são preservadas e alguns casos, recebem melhorias a fim de ate os fiéis. Tal é o caso da capelinha construíd município de Campo Erê, junto à fonte, no l conhecido como "Águas de São João Maria".

No mesmo município ocorre, há mais de 40 anos, a Romaria de Nossa Senhora – Amada Mãe Maria. A programação religiosa inclui procissão, cortejo e pagamento de promessas nas Águas de São João Maria, localizadas na comunidade rural de Linha Faxinal. Trata-se de uma localidade simples e com pouca infraestrutura, mas o evento religioso atrai centenas de pessoas de toda a região, motivadas pela fé no monge e suas graças.

Por causa da importância desses lugares, pesquisadores os consideram redutos históricos, culturais e turísticos, ou seja, são espaços importantes não apenas para a localidade em que ocorrem, mas para toda a região Oeste Catarinense.

Capelinha e local de captação das águas de São João Maria. Imagem: acervo do Departamento de Cultura do município de Campo Erê-SC.

Romaria às Águas Santas de São João Maria, realizada desde 1972, anualmente, em 8 de dezembro, na Linha Faxinal, zona rural de Campo Erê-SC. Imagem: acervo do Departamento de Cultura do município de Campo Erê-SC.

Você sabia?

As festas populares e tradicionais são tão importantes e tão representativas da cultura e da identidade nacional, que existe até uma Lei Federal para valorizar esses eventos! É o Decreto Lei 3.551 de 4 de agosto de 2000. Essa Lei prevê que manifestações de caráter imaterial – ou seja, aquelas que transmitimos pela oralidade, pelos gestos, pelos saberes e práticas que aprendemos e transmitimos – sejam registrados em um dos quatro **Livros de Registros de Patrimônio Imaterial.**

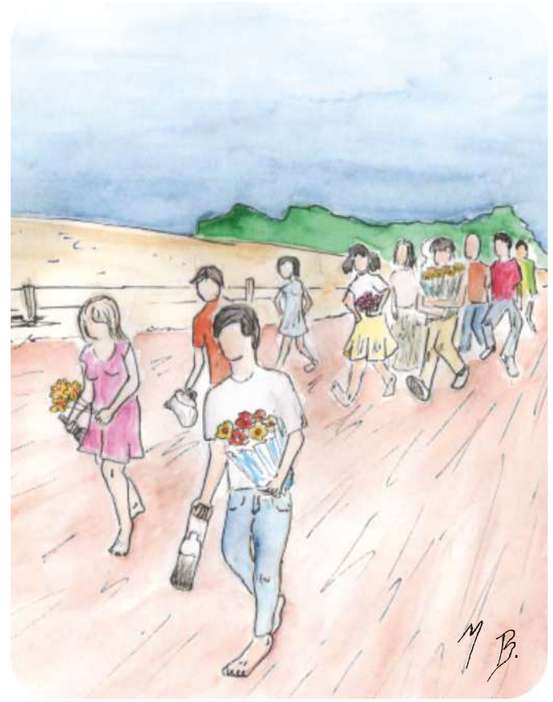
Confira abaixo quais são os Livros de Registro existentes e veja em qual se enquadram as romarias e festas religiosas:

I - **Livro de Registro dos Saberes**, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - **Livro de Registro das Celebrações,** onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - **Livro de Registro das Formas de Expressão**, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - **Livro de Registro dos Lugares**, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.



Pesquise mais!

Agora que você já sabe que as celebrações religiosas podem ser consideradas Patrimônio Imaterial Brasileiro, vamos descobrir quantas e quais são, como e onde acontecem as festas religiosas do nosso município ou região?
Converse com seus amigos, com seus pais e avós e tente descobrir as histórias que deram origem a cada festa, o que essas festas tem de especial ou diferente.
Depois, registre as histórias que você descobriu e socialize com seus colegas .

4. A memória das práticas de cura e dos cuidados com a saúde no Velho Xapecó

As práticas de cura estão ligadas ao próprio desenvolvimento das sociedades humanas. Desde os primórdios das civilizações, é possível encontrar registros de ritos e práticas destinados a apaziguar os deuses, alcançar a cura ou obter sucesso nas mais diferentes áreas.

À medida que as sociedades foram se aperfeiçoando, os saberes relacionados à arte da cura, cada vez mais se tornaram parte da nossa história. Esses conhecimentos contribuem, há milênios, para mitigar dores e aliviar os mais diversos males. Além de oferecer esperança e conforto – porque, como dizem os benzedores e reafirmam as crenças populares, "*os males físicos se curam com chás, mas os males da alma, carecem de reza e fé.*"

Ainda antes da criação do município de Chapecó, no sertão catarinense, uma significativa população composta principalmente por comunidades indígenas e, mais tarde, caboclos, foi desenvolvendo modos próprios de cuidar da saúde e mitigar doenças. Afinal, como em todo o interior do Brasil, hospitais eram raros e distantes e a população precisava desenvolver estratégias, com os recursos disponíveis na região, a fim de curar ou manter a saúde.

O sistema de saúde pública, como o conhecemos hoje em dia, surgiu muito recentemente. Porém, as comunidades indígenas já dominavam o cultivo de determinadas plantas e conheciam suas propriedades medicinais. Esses conhecimentos eram aliados à observação do cotidiano, e à ritualização de práticas destinadas a aumentar a potência do remédio ou acelerar seu efeito. Os primeiros europeus a chegar à região aprenderam e ressignificaram esses saberes, incorporando-os ao seu dia a dia e acrescentando rezas, de acordo com suas crenças religiosas e em seu próprio idioma – em geral o português ou, mais raramente, o espanhol.

Foram pelo menos dois séculos de convivência entre imigrantes europeus e comunidades indígenas, que deram origem à etnia que hoje conhecemos como "Caboclos" ou "Brasileiros". Seu modo de vida foi muito influenciado pelos antigos habitantes da região – povos indígenas Kaingang e Guarani – dos quais herdaram práticas milenares de cura.

Com o início do processo de colonização oficial, a demanda por médicos e remédios aumentou na mesma proporção do aumento da população. Essa nova leva de ocupantes da região já conhecia as práticas médicas formais. Mas, no recém criado município de Chapecó, os médicos eram raros e ficavam a muitos dias de viagem dos povoados recém formados.

Nesse cenário, rezas, simpatias, chás e benzimentos eram práticas comuns e repassadas de geração a geração. As pessoas que possuíam conhecimentos mais especializados sobre as formas de cultivo e manipulação das plantas, formas de cura e cuidado – que podiam incluir benzimentos e simpatias – eram conhecidos como **benzedores e benzedeiras ou curandores e curandeiras**

Benzedores, benzedeiras, curandores, curandeiras.

Uma mesma pessoa pode acumular ambas as funções ou ser prático em apenas uma delas. Em geral, benzedor ou benzedeira diz respeito ao homem ou a mulher que promovem a cura a partir de práticas ritualizadas que envolvem orações e simpatias. Já o curandor ou a curandeira são aqueles que, após ouvir as queixas do enfermo, preparam e receitam combinados de ervas, recomendando seu consumo de determinada forma e por tempo específico. É muito frequente que o benzedor seja também um curandor e, em muitos casos, os curandores cultivam as próprias ervas. Trata-se de conhecimentos transmitidos oralmente e, frequentemente, as origens de muitos dos saberes se perderam no tempo, remontando aos povos indígenas que habitavam a região quando da chegada dos primeiros europeus.

Carmen, Denise, Diana, Fernanda, Leila, Márcio

E, se hoje em dia, benzedores e curandores tem status e prestígio junto às comunidades, naqueles tempos, eram indispensáveis à saúde do povo e à continuidade da vida no sertão. A fama de benzedores e benzedeiras chegava aos rincões mais distantes, e as pessoas viajavam vários dias para receber o atendimento, que era sempre voluntário e gratuito.

Pesquise mais!

Entre os males popularmente recomendados às atenções de benzedores e benzedeiras estão quebranto ou mau-olhado, amarelão, sol na cabeça, cobreiro, rendidura e míngua. Dizia-se que uma criança estava com míngua quando apresentava crescimento abaixo do esperado e sinais de anemia. Embora a medicina convencional recomende medicamentos, a fim de combater a anemia, a crença popular é de que o benzimento é indispensável à recuperação da saúde do bebê.

Já o quebranto era atribuído à inveja e os sintomas na criança eram agitação, perda de apetite e choro excessivo. Nesses casos, do ponto de vista clínico, o bebê é considerado saudável mas, popularmente, se diz que só o benzimento é capaz de tirar o mal.

Agora é a sua vez! Converse com os mais velhos e procure descobrir o que são, quais os sintomas e as formas de tratamento dos males listados abaixo. Aproveite para escrever suas respostas e depois compare com seus colegas as suas descobertas.

Amarelão

Cobreiro

Rendidura

Sol na cabeça

Os remédios como conhecemos hoje em dia, começaram a aparecer muitas décadas mais tarde. No sertão catarinense e, depois, nos tempos do Velho Xapecó e primeiros anos da colonização, chás, xaropes, garrafadas, infusões, emplastros, fabricados com base em plantas nativas, eram frequentemente utilizados e suas propriedades medicinais passadas de geração à geração. Também era comum o uso medicinal de derivados de animais como a banha de porco ou de galinha, tidos como remédios para inúmeras enfermidades.

5- O cultivo das ervas

Os saberes relacionados ao uso das ervas são uma herança cultural dos grupos indígenas que habitavam a região Oeste Catarinense. Os conhecimentos das comunidades indígenas da região foram se combinando aos usos e costumes dos caboclos e descendentes de migrantes, a partir do período de colonização, e chegaram aos nossos dias.

Pesquise mais!

Você sabia que muitos dos saberes que conhecemos hoje foram herdados dos nossos antepassados?

Pense nisso e converse com seus pais, tios e avós, conte o que você aprendeu lendo esse capítulo. Depois, pergunte: como era cuidar da saúde antigamente? Escreva aqui a sua resposta e compare as informações com as recolhidas pelos seus colegas.

Depois, com a institucionalização das práticas relativas à medicina convencional, os saberes populares sofreram um processo de estigmatização e, em muitos casos, foram criminalizados. Apesar disso, muitas das práticas de cura que hoje chamamos de "alternativas", resistiram e permanecem bem vivas na região. Especialmente porque, tanto os saberes sobre a arte da cura, quanto a busca por práticos benzedores ou curandores são herdados.

Seu Ari Lazzarotti tem descendência indígena e italiana e conta que herdou da mãe seus conhecimentos "Então com seis anos, minha mãe me ensinou: "tu tem que pedir licença pro Deus da natureza pra mexer na erva!" Porque é um ser vivo o pé de erva, como é que você vai chegar com um facão cortando. Tem que pedir licença, tira uma folhinha, faz um chazinho, que vai te fazer bem."

> Então, desde criança eu já tinha essa visão, esse gosto pelas plantas. Me lembro que até extraviei depois um caderninho onde eu copiava as coisas que minha avó fazia. Então alguns benzimentos, as plantinhas pra que serviam [...]. Mas eu sempre fui adepta disso, gostava muito de benzimentos, gostava muito de orações." (Davida Fátima Ferla)

Pesquise mais!

Muitos dos chás tão populares até os dias de hoje, estão sendo "redescobertos" pela ciência moderna e suas propriedades medicinais endossadas por pesquisadores de diversos países.

Vamos pesquisar alguns dos chás mais utilizados da nossa região e descobrir mais sobre cada um deles? Com a ajuda do seu professor de biologia, descubra o nome científico de cada planta, sua origem e, depois, suas propriedades medicinais. Aproveite para observar quantas destas plantas são nativas do Brasil e quantas vieram com os colonizadores.

Camomila

Hortelã

Cidreira

Funcho

Macela

Arruda

Poejo

Manjericão

Alecrim

Sálvia

Louro

Quebra-pedra

6- A arte do benzer

A prática do benzimento, exercida pelos benzedores e benzedeiras, envolve rezas, evocação de santos e rituais que incluem diferentes modos, fazeres e dizeres. Em geral, as práticas seguem um padrão comum a todos os benzedores e benzedeiras. Mas os símbolos e elementos de apoio à prática variam, dependendo da confissão religiosa de cada um. Os mais comuns são água, bíblia, ramos de plantas, velas, barbante, gestos e orações que estão relacionados às técnicas e práticas de cada benzedor ou benzedeira. É muito comum o benzedor manter um altar ou um espaço da casa reservado para a prática, marcado com seus símbolos de devoção pessoal. Do mesmo modo a forma de benzer também é caracterizada pelo *jeitinho*, a arte de fazer de cada um.

Tanchagem (*Plantago major*)

"Cada benzimento, tem uma oração. Por exemplo, se benze de quebrante, é uma coisa. Amarelão, dá pra incluir, se tem uma criança doente ali, fraquinha, desanimada, aproveita para benzer ela de quebrante, mau olhado, de anemia, amarelão, fraqueza, desânimos. A gente pode benzer também pra depressão; tem vários benzimentos, que a gente pode benzer [...]." (Alzira dos Santos Esteriz)

"Pra benzer eu uso arruda, guiné e o meu rosário." (Terezinha Oraide dos Santos)

"Pra cada coisa é uma coisa. Há muitas orações diferentes, mas sempre invocando, em primeiro lugar, a presença de Deus. Para cada finalidade você precisa a oração. Porque vai também pela tua intuição, o meu trabalho vai bastante da intuição, então o conhecimento é bem importante, mas a sabedoria divina ninguém tira." (Davina Fátima Ferla)

Entre as características que identificam benzedores e benzedeiras, comuns a todos os participantes desta pesquisa, destacamos:

✓ Saber herdado dos antepassados e aperfeiçoados a partir das experiências e práticas cotidianas de cada um;

✓ Todos os entrevistados demonstraram profunda fé nas suas crenças e símbolos;

✓ Amplo conhecimento das plantas e suas propriedades medicinais, além da prática de produzir remédios a partir das plantas;

✓ São mestres de sabedoria popular, ou seja, são pessoas de idade avançada, muitos sem instrução formal mas com um conhecimento prático tão profundo que, em alguns casos, é buscado por centros de pesquisa e universidades;

✓ Todos demonstram preocupação com a transmissão e continuidade do saber.

"Olha se é amarelão, então, eu peço pra trazer nove ovos e um retrós de linha. Daí eu tiro as medidas... eu meço a pessoa, enrolo no ovo e a cada dia eu coloco um ovo no fogo. Aí a pessoa deve rezar uma Salve Rainha e uma Ave Maria por dia, pra ajudar a dar força pro benzimento. Depois dos nove dias, eu peço pra voltar pra prova, ver se está bom, se não, a gente faz o reforço. [...] Se é pro amarelão é isso dali, se é pra quebrante, mau olhado, essas coisas todas, então eu tenho um raminho de arruda e aquele líquido de sete ervas, que eu passo na pessoa, pedindo a proteção." (Ignes Spada)

Além disso, diagnosticamos, em alguns casos, a participação dos benzedores em cursos de aperfeiçoamento, como os ofertados pela pastoral da saúde e pela fundação de assistência social. Mas, regra geral, mais que aprender, o benzedor está sempre ensinando. Ensina como preparar o chá, ensina como cultivar a planta, ensina como proteger o recém nascido, ensina que rezas e simpatias são eficientes para os mais diversos males. E, se nada mais resolver, basta chegar na casa do benzedor, independente da hora. Sempre haverá um conforto e uma palavra amiga.

Moreira e Wollf, escrevem sobre o ofício das benzedeiras e afirmam que elas atuam "sob a aura da religiosidade, manipulando instrumentos domésticos de uso cotidiano [...] recitando rezas e fazendo o sinal da cruz, estabelecem uma ligação com os santos, proporcionando, assim, a cura dos males que surgem no cotidiano" (CEOM, 2001).

O benzimento não se restringe aos males que adoecem as pessoas. A maioria dos benzedores também benzem casas, plantas, animais, tempestades e diversas situações e ocasiões que requerem proteção e benção.

"As benzedeiras, diferentemente do que se costuma pensar, estão ligadas através da memória, a uma série de conhecimentos, que caracterizam a sua importância como grupo social e como povo constituinte dessa nossa nação" (OLIVEIRA e PADILHA, 2011, p.2880).

"A minha avó, mãe do meu pai, benzia pra várias doenças – machucadura, dor de cabeça, dor de dente... A mãe também trabalhava com benzimentos [...] e outros benzimentos a gente foi aprendendo. Aprendi muito com um tio meu que morava em Bom Jesus que era um curandor, muito procurado. Aprendi com ele muitos benzimentos, fazer remédios e pomadas." (Alzira dos Santos Esteriz)

Segundo os benzedores e benzedeiras pesquisadas, um fator determinante para que o tratamento seja eficaz é a fé. Geralmente, a cura das enfermidades está condicionada à crença e à cultura de cada pessoa, sendo que a ciência não considera esses saberes. De fato, as práticas populares independem de explicações científicas, e os relatos explicitam que a cura e/ou amenização dos sintomas das doenças são possíveis, desde que a pessoa tenha fé e acredite na cura.

"Eu peço a Deus: 'meu pai atenda meu pedido!'. Se é uma enfermidade, eu digo: 'meu Deus, o senhor é o nosso médico dos médico, lá do céu e aqui da terra, estenda as mão sobre essa pessoa, reprenda as enfermidade. Seja o que for, que com suas mãos santas sagradas ele há de fica curado." (Olívia Rosário)

A sabedoria popular afirma que as condições de sobrevivência contemporâneas, aliadas às tecnologias e ao grande volume de informações, frequentemente obscurecem a relação do homem com a natureza e com as leis criadoras do universo. Por isso, afirma-se a perda de conexão com os sentidos, com a intuição, as emoções e as sensações que, de acordo a crença ancestral, é parte da essência humana e era vivenciada mais intensamente pelos antepassados.

"Se você não crê em Deus, na santidade, nos anjos da porta do céu e ao nosso redor não adianta benzer". (Terezinha Oraide dos Santos)

"Em primeiro lugar é a oração, é Deus acima de tudo e de todos. Então, eu sempre digo: 'coloque Deus em primeiro lugar, ele é o melhor médico dos médicos!'. Então assim, você precisa acreditar, você precisa fazer a coisa acontecer." (Davina Fátima Ferla)

Alecrim (Rosmarinus officinalis) e Amora Silvestre (Rubus fruticosus)

Pesquise mais!

Você conhece algum benzedor ou benzedeira? Se houver alguém na sua comunidade ou próximo de onde você mora, que pratique a arte do benzimento, faça uma visita e pergunte sobre sua motivação para realizar esse trabalho. Se não encontrar benzedores, procure descobrir alguém que já tenha sido atendido por benzedor ou benzedeira, e pergunte como foi o atendimento e quais os resultados. Anote as respostas abaixo e depois compare com as descobertas dos seus colegas.

7- A origem dos rituais de cura na história

A palavra benzer significa abençoar – ou, em linguagem popular, tornar "bento". Em todas as sociedades é possível encontrar manifestações ritualizadas, em que objetos, gestos, palavras são combinadas a elementos da natureza para reforçar e acelerar a cura ou na expectativa de alcançar alguma graça – ou seja, promover a realização de determinado acontecimento desejado.

No Brasil, as diferentes origens dos povos que formam a nação, possibilitaram manifestações únicas de fé e de religiosidade popular, que hoje são consideradas parte do Patrimônio Imaterial Brasileiro. Próprios da miscigenação – quer dizer, da mistura de crenças de diferentes origens étnicas – os rituais de cura estão misturados à história e à memória dos grupos étnicos do Brasil. Os povos indígenas tinham seus próprios rituais de cura, combinados com o poder das plantas, ainda que recebesse outros nomes.

Anos depois, com a chegada dos europeus e suas tradições religiosas seculares, e dos povos de diferentes partes do continente africano, novos elementos foram incorporados e ressignificados. Assim, saberes, ritos e rezas de diferentes vertentes e crenças acabaram adaptados à realidade brasileira e incorporados às tradições religiosas populares do país.

Pesquise mais!

A palavra *superstição* nos remete a um universo de crenças populares cujas origens se perderam no tempo, e que são transmitidas oralmente de geração a geração. Esse conjunto de crenças populares é tão importante que o historiador e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo dedicou sua vida a estudar e registrar esses saberes. Eles fazem parte da cultura popular do Brasil e, por isso integram o Patrimônio Imaterial brasileiro.

Que tal pesquisar e anotar superstições que fazem parte do imaginário da nossa região? Pergunte aos mais velhos, que superstições eles conhecem e anote as respostas aqui. Depois, com o auxílio dos seus professores, você pode aprofundar a pesquisa buscando as origens dos costumes e preceitos relatados.

Embora não reconhecidas pelo catolicismo oficial, essas práticas se mesclaram, se reinventaram e se disseminaram, especialmente nas regiões mais distantes e desassistidas pela igreja e pelos governos. Nesses locais, onde os benefícios da ciência chegaram tardiamente, o processo de implantação do sistema de saúde oficial aconteceu de forma lenta e nem sempre reconheceu as contribuições fundamentais de benzedores, benzedeiras, curandores e curandeiras para a consolidação da colonização. Porém, antigas tradições persistem e, ainda hoje, é possível encontrar famílias que mantém o costume de recorrer aos benzimentos e remédios naturais.

Os sertões são o *habitat* original de benzedores, benzedeiras, curandores e curandeiras. Mas, nos dias atuais, com a intensificação do processo de urbanização, assistimos a uma ressignificação dessa prática: de atividade essencialmente rural, ambientada na vida do campo e no contato com a natureza, o exercício do benzimento cada vez mais ganha os centros urbanos. Hoje, é possível encontrar, mesmo nas áreas mais povoadas do Oeste Catarinense, residências que são testemunhas de resistência à vida urbana, e pequenos oásis de cultivo de plantas e ervas, onde vivem benzedores e benzedeiras, figuras clássicas da crença popular.

Pesquise mais!

Você já ouviu falar em parteiras? Pois antigamente, quando não havia médicos na região, elas eram, junto com benzedeiras e curandeiras, indispensáveis às comunidades que aqui viviam. Mais que um ofício, ser parteira era considerado uma vocação, já que era trabalho voluntário e seu aprendizado era por transmissão oral.

Que outras profissões e ocupações essencialmente femininas existiam no Velho Xapecó? Converse com avós, tias, mães e faça uma lista das profissões que você descobrir. Anote aqui suas respostas.

Parte II – Uma tradição que resiste ao tempo

8- Os benzimentos e as práticas de cura tradicionais no tempo de hoje

Para falar dos benzedores e benzedeiras do oeste catarinense contemporâneo, é necessário compreender a formação histórico-social brasileira e, principalmente, a formação desse espaço geográfico que foi povoado por indígenas, caboclos e, no século XX, por descendentes de migrantes gaúchos e europeus. Também é importante analisar que o cenário das práticas de cura, uso das ervas, orações e benzimentos, é repleto de simbologia e saberes que revelam as experiências e vivências de uma herança cultural que foi transmitida de geração em geração.

"A prática do benzimento é um saber embebido na mistura dos conhecimentos dos povos em solo brasileiro, da mistura das crenças, das tradições e religiosidade indígena, africana e europeia. De uma tradição que vem sofrendo o hibridismo ante as diversas formas sincréticas em nosso território, tecendo releituras diversificadas em cada região do país sobre esse ritual da benzeção" (RODRIGUES, 2013, s/p).

"Sempre ajudei, fui e sou muito respeitada e procurada. Quando trabalhava no colégio todos os dias eu benzia crianças e professores. Já houve médicos que encaminharam pessoas doentes aqui. Ainda hoje atendo muita gente." (Alzira dos Santos Esteriz)

"A comunidade gosta muito de mim e do meu trabalho; atendo todos que vem pedir ajuda." (Olivina Rosário)

Na variedade de simbologias atribuídas a benzedores e benzedeiras é possível perceber a construção de sua identidade atrelada à convicção de portadores de "dons", pela sua crença na promoção da cura através dos benzimentos. A comunidade que o benzedor ou a benzedeira atuam também os reconhecem e respeitam pelo trabalho solidário que auxilia os moradores locais.

A cultura popular é uma das formas das pessoas expressarem suas experiências e vivências. Mais do que misticismo, de acordo com Machado, essas formas de expressão estão impregnadas "por formas de sobrevivências, de lutas; refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos" (2007, p. 03).

Carmen, Denise, Diana, Fernanda, Leila, Márcio

Ao longo dessa pesquisa, percebemos que benzedores e benzedeiras estão bem presentes e, suas práticas, bem vivas e fortes nas comunidades em que atuam. Por mais que a ciência avance e, com ela a descrença nas práticas populares e tradicionais, ainda hoje, observamos um grande contingente de pessoas que procuram benzedores e benzedeiras para a cura de males do corpo e da alma. Seu trabalho é, a um tempo, forma de resistência e afirmação da riqueza e da diversidade da cultura popular brasileira. Para o povo, a presença dos benzedores e benzedeiras segue sendo fundamental. Pessoas de todas as idades, classes sociais e crenças, costumam buscar os serviços que esses homens e mulheres prestam gratuitamente à comunidade.

Nos dias de hoje, benzedores e benzedeiras se preocupam com a transmissão do conhecimento. É sabido que essa é uma tradição transmitida oralmente, e muitos dos participantes da pesquisa manifestam sua preocupação, por não terem a *quem ensinar* esse saber.

Essa pesquisa e a cartilha que você está lendo, nasceram do desejo de registrar, valorizar e afirmar a importância dos saberes e práticas de benzedores, benzedeiras, curandores e curandeiras, e de sua relevância como Patrimônio Cultural Imaterial do Oeste Catarinense. Essas pessoas são mestres da sabedoria popular, e detém um conhecimento que vai além da ciência: é regido por uma profunda comunhão com a natureza e pelo respeito à todas as formas de vida.

Aos participantes do projeto – No quintal da Casa de Madeira..

O Museu Histórico de Pinhalzinho e a equipe de pesquisadores e mediadores do projeto agradecem a generosidade e a honestidade de cada participante desta pesquisa. Agradecemos pelas histórias relatadas, pelo tempo dispensado e pelas lições de fé que aprendemos com cada um, ao longo dessa jornada de registro e salvaguarda dos saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste catarinense.

Alzira dos Santos Esteriz

Benzedeira e artesã, nascida em 1940. Reside na Rua Curitiba, bairro Pioneiro, município de Pinhalzinho-SC.

Ari Lazzarotti

Cultiva e manipula ervas medicinais, nasceu em Concórdia-SC no ano de 1946. Reside na Rua Luiz Gusella Ferlen, Centro, município de Campo Erê-SC.

Augusto José Maria

Benzedor, nascido em 1930. Reside no Bairro Centro Oeste, município de Pinhalzinho-SC.

Bibiana Nogueira da Silva Wiamowiski

Benzedeira, nascida em 1942. Reside na Linha Faxinal dos Rosas, município de Chapecó-SC.

Caetano Costela

Benzedor e mecânico, nascido em 1945. Reside na rodovia Chapecó-Seara, município de Chapecó-SC.

Carlota dos Santos

Benzedeira, nascida em 1935. Reside no Bairro Efacip, município de Pinhalzinho-SC.

Davina Fátima Ferla

Benzedeira, cultiva e manipula ervas medicinais. Nasceu em 1955. Reside na Linha São José, município de Nova Erechim-SC.

Gilda Schimidt Valente

Cooperativista, cultiva e manipula ervas medicinais, nasceu em Pelotas-RS, no ano de 1964. Reside na rua Egídio Rosset, Bairro Bela Vista, município de Pinhalzinho-SC.

Ignes Spada

Benzedeira, nascida em Erechim-RS no ano de 1935. Reside na rua Curitiba, Bairro Santo Antônio, município de Pinhalzinho-SC.

Ilde Maria Gosch

Benzedeira, nascida em Chapecó-SC no ano de 1947. Reside na Rua 30 de Dezembro, Bairro São José, município de Pinhalzinho-SC.

Iracema Guilhermina Reche

Benzedeira, nascida em Lajeado-RS no ano de 1938. Reside na Rua São Marcos, Bairro Santa Maria, município de Chapecó-SC.

Irma de Lurdes M. Sassi

Benzedeira, nascida em Caxias do Sul-RS, no ano de 1943. Reside na Rua 31 de maio, Bairro São Cristóvão, município de Campo Erê-SC.

João Batista Cruz *(in memoriam)*

Benzedor, nascido em Pinhalzinho no ano de 1920. Residiu em Modelo-SC por mais de 50 anos. Foi um dos principais benzedores da região.

Lourdes Ermínia Gomes

Benzedeira, nascida em Relvado-RS, no ano de 1947. Reside na Linha Navegantes, município de Pinhalzinho-SC.

Maria Eugênia da Silva

Benzedeira, nascida no ano de 1941. Reside na Rua Natal, Bairro Divinéia, município de Pinhalzinho-SC.

Melânia Robgheri

Benzedeira, nascida em Xanxerê-SC no ano de 1961. Reside no Bairro Palmital, município de Chapecó-SC.

Olívia Alves

Benzedeira, nascida em Campo Erê-SC no ano de 1947. Reside na Rua Chico Britto, Bairro Mello município de Campo Erê-SC.

Olivina Rosário

Benzedeira, nascida no ano de 1949. Reside na rua Claudino Crestani, Bairro Mello, município de Campo Erê-SC.

Onélia Pinto Mendes

Benzedeira, nascida no ano de 1956. Reside na rua Padre Luiz Muller, Bairro São Francisco, município de Campo Erê-SC.

Primo Deodoro Demarchi Paludo

Benzedor, nascido em 1940. Atualmente reside na Linha São Donato, município de Saltinho-SC.

Rosalina Nogueira da Silva

Benzedeira, agricultura aposentada, cultiva ervas e ensina seu ofício a comunidades e grupos sociais em todo o sul do Brasil. Nasceu em 1951, e reside na Linha Faxinal dos Rosas, município de Chapecó-SC.

Terezinha Oraide dos Santos

Benzedeira. Reside na Linha Campinas, município de Chapecó-SC.

Zenila Terezinha Baungratz

Benzedeira, nascida em Guaporé-RS, no ano de 1947. Reside na Rua São Luiz, Bairro Nova Divinéia, município de Pinhalzinho-SC.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In.: **Estudos Históricos**. Vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro: 1995, p. 145-151.

ARGENTA, Denise. BEN, Fernanda. et. al. **Onde nasce nossa identidade**. Cartilha de Apoio Didático do Projeto Registrando Saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos Caboclos do Oeste de Santa Catarina. Pinhalzinho-SC: Museu Histórico, 2012.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**. Florianópolis: UFSC, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2012.
CEOM. **Inventário da cultura imaterial cabocla no Oeste de Santa Catarina**. Chapecó/SC: Argos, 2008.

_____. **A voz de Chapecó**: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1932 a 1952. Chapecó: Argos, 2004.

INSTITUTO Estadual do Patrimônio Cultural. **Medicina Popular**. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1979.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas-SP: Unicamp, 2004.

MACHADO. Maria Clara Tomaz. Ainda se benze em Minas Gerais. **XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007.

MARCON, Telmo. **História, memória e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

MOREIRA, Neiva Marinho; WOLLF, Juçara Nair. Entre águas, galhos e rosários: práticas e experiências das mulheres benzedeiras em Xaxim. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 13, p. 157-182, 2001.

OLIVEIRA, Oséias de; PADILHA, Milene A. História, Memória e Benzimentos. **V Congresso Internacional de História**, 2011.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do CEOM**. Para uma História do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC: Unoesc, 1995, p. 71-110.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed.rev. Chapecó/SC: Argos, 2006.

RODRIGUES, Bianca Bazzo. Poetas da Benzeção – ramos, santos, velas e benzimentos na criação cênica. **Contemporâneos** – Revista de Artes e Humanidades, n. 10, maio de 2012.

_____. **Crenças e quebranças de um corpo que dança** – poéticas do benzimento na criação cênica. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013 (Dissertação de mestrado).

SILVA, Victor Augustus G. As benzedeiras tradicionais de Curitiba: identificação e análises. **Relegens Thréskeia** estudos e pesquisas em religião, v.1, n.1, 2012.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da língua portugeza**. (fac-símile da segunta edição, 1813). Rio de Janeiro: Officinas da S.A. Litho-Tipographia Fluminense, 1922.

WERLANG, Alceu Antônio. **Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense**. A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó/SC: Argos, 2006.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.